



O CARAPUCHEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL. E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Huu servate modum nostri novere libeit
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10. Epist. 55.*

Guardarei n'esta pocha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas,

*Grande, e feliz descoberta em o
nosso commercio.*

Muito engenhoso he o espirito d'industria! E ninguem me venha cá dizer, que entre nós está ainda muito atrasada a Scienzia Economicia; por que bem ponees tem estudo Smith, Ricardo, Mill, Sismondi, J. Baptista Say, Mac-Culoe, J. Droz, &c. &c. Em outros tempos, quando era livre, e *mai sanc-*
tamente permittido o tráfico d'escravatura, os navios, que vinham da costa d'Africa, trazião-nos milhares de braços para a nossa agricultura, e mais serviços; trazião-nos cera, certos panos tecidos, esteiras, marfim, e outros generos d'aquelle paiz em troco d'agoa-ar-
dente, de missangas; de doces, &c., que para ali mandavamos em nossas especulações. Appareceu a prohibição do tráfico de escravaria dos portos d'Africa, e parece, que devia cessar quasi de todo o comércio com aquellas terras, visto ter-se acabado o principal, que era a compra dos nossos semelhantes.

Com efeito nós Brazileiros, que so-
bre sermos hum alambre de filantropia,

sabemos respeitar a Lei com hum escru-
pulo Religioso, nunca mais mercade-
amos em carne humana; ja nunca mais importamos hum só Africano: e o que se seguió d'ahi? Abriríamos não do Comércio da costa d'Africa? Não cer-
tamente Graças às luzes do seculo, gra-
ças ao engenho maravilhoso dos Brazi-
leiros! Se nos deixámos inteiramente da
mercancia dos escravos Africanos, des-
cobrimos hum ramo de comércio tanto,
ou mais lucrativo, que aquelle, com-
ércio nunca visto sim; mas mui lici-
to, mui decoroso, e que prova soheja-
mente o nosso progresso na Scienzia Ec-
onomicia. Este novo, e prodigioso ra-
mo de Comércio são *Fipas d'agoa sal-
gada*!!! Quem tal diria? Quem po-
deria prever, que agoa salgada d'Angola
viria a ser hum manancial de riquezas
para o nosso Pernambuco? Ora em ver-
dade se nosso país, e avós resuscitas-
sem, ficarião todos estuporados de pas-
so, e admiração à vista da sagacidade,
à vista do maravilhoso progresso de seus
filhos, e netos. Se pego no Diario, e
vou-me às Entradas de embarcações, leio

cada passo - tal navio d'Angola - Carga -- Pipas d'agoa salgada - Loga, tenho eu inferido, a agoa salgada d'Angola tem grande prestímo entre nós; porque a utilidade na rasão composta da razões de he a medida do valor das causas. Será agora a agoa salgada d'Angola algum específico de certas enfermidades, e consequentemente muito estimada nas boticas? Terá virtude particular para huncedecer, e renovar a carne secca, além de melhor acodir ao p. zo, e por conseguinte muito estimada desses armazens?

Fazendo hum dia este reparo a certo maganão, e preguntando-lhe, que prestatimo poderia ter agoa salgada d'Angola para ser hoje hum tão consideravel ramo de commercio entre nós; respondeu-me com ar zombeteiro nessa substancia -- Ora, meu amigo, Vm. parece-me ainda muito inocente. Pois ignora a prefeição, a que tem chegado a Chimica? Nós já temos por cá Chimicos muito mais J. stros, do que Rosier, Mongez, de Lamethiere, Blainville, Arago, e Gay-Lussac. Todas essas pipas d'agoa salgad., que Vm. lê nos Diarios vindos d'Angola, elles as convertem em negros novos; e nem fique por isso muito admirado; por que deve de estar lembrando que a Historia diz de Deucalião, que convertiu pedras em homens, e sua mulher Pyrra mudava as mesmas pedras em mulheres; e não era menos chimico, e pelotiqueiro o famoso Cadruo, que semeava dentes, e trascião-lhe soldados armados, e proupios, como se fosse para huma revista. Por tanto não fique tão espantado com esta nova; por que se em séculos barbares já houve titântico tão astuto, e até huma scihora, que de pedras fazão gente; não he muito que hoje, no seculo dos progressos, e das luzes, haja quem metamorfize agoa salgada d'Angola em bellos negrinhos novos para o serviço dos filhos de Deus.

Que descoberta, amigo e Sr. meu, que descoberti! Cá os nossos Chimicos, ou Alchimistas derão quinze uns Surs,

Inglezes; por que que importa, que estes andem cruzando os mares para embarçar o trafico de escravaria; se não podem embarçar a exportação, e importação, d'agoa salgada d'Angola, a qual os nossos pelotiqueiros sabem transsubstanciar em escravos novos? E que bellos pretinhos, todos da natureza de Venus! (Dizem, que esta deusa necessita da espuma do mar.) Pode haver causa mais licita? Não se quebrantam os Tractados, não se infringem as leis; por que não commerciamos na compra d'escravos novos: permitemos sim os nossos generos por agoa salgada d'Angola, agoa prodigiosa, que passando por varias operações dos nossos bons Chimicos, toda se converte em molequinhos, em negrinhos, &c. &c. !

O que seria de nós, se não fôra a escravatura? Quem barraria os nossos campos? Quem nos plantaria, limparia, e cortaria a cana de açucar? Quem faria todo o nosso serviço domestico? Quer a ruça Africana nascesse de Adão, como querem muitos, ou imediatamente de Cão, segundo filho de Noé, como entendem algumas, quer lhe provenha a cor preta de huma reticula, que há nelles entre o derma eo piderme; o certo é, que Deus, quando os fezou, só já destinadamente para supportar o peso da cana: e como se nô o cultivasse, ta planta não poderia subsistir o Brasil, segue-se, q' he muu licito, e muu justo o captivoíro dos Africanos. He falso, e falsoissimo o dizer-se, que estes são nossos semelhantes; e quando o fossem, o q' nos deve dirigir sobre tudo he o nosso interesse, ou utilidade. Ora os pobres livres entre nós não se querem sujeitar ao serviço, e os poucos, q' se sujeitão, he por hum preço exorbitante, e não estão para sofrer baleões, chicotadas, e surras. O escravo não he assim, Embora seja elle, que nos plante a cana, que lhe dé as limpas precisas, que a corte, que a metta na moenda, que carregue em fin com todo o trabalho, as sol, á chuva, ao frio;

em quanto nós recolhemos contos e contos de reis dos nossas safias: em quanto galcamos a-sedas, e ricaamente; em quanto nos banqueteamos hasta nente á custa do seu suor, e muitas vezes á custa do seu proprio sangue, elle contenta-se com hum nojentissimo trapo, que avaramente lhe cobra a vergonha, e mata alome com huma triste porcinaula de carne secca da pior, ja por isso conhecida nos armazéns com o nome de carne de fabrica, e algumas praiadas de farinha: logo não se pode presencia-lhe da escravatura.

Dobal le se tem Vm. afiado em seus escriptos por combater a doutrina do interesse, como principio unico de todas as ações morais. Isto malhar em ferro fio. Amor do bem absoluto, ou da ordem universal, lei do dever, senso intimo, consciencia, humanidade, Religião, tudo não passa de invento dos homens. O unico principio certo, e ver胎eiro de todas as nossas ações he o interesse pessoal, que se funda na dor, e no prazer: tudo, que nos causa prazer he bom, tudo, que nos causa dor he mau.

Huma vez admittido o principio unico da *Utilidade*, como reprovar a escravatura? O Patriarca do Capitalismo, J. Bentham define assim a Utilidade -- A propriedade de huma ação, ou de hum objecto em augmentar a somma de felicidade, ou em diminuir a somma de desgraças do individuo, ou da pessoa collectiva, sobre aquil que ele influencia, ou o objecto. -- Tra o captivoiro dos pretos da costa d'Africa augmenta a somma de felicidade dos meus meus pretos, e de quem os compra, e diminue a somma de desgraças destes, e d'a quelles; logo a escravatura no Brazil he cosa útil, quero dizer; he do interesse humano entrelido de hum, e de outro. E quere á Vm., q' lhe prove a menor das e meys legítimas? O preto na sua terra he infinitamente mais infeliz, do q' em a nossa. Ali elle está sujeito a todos os descommodos, e males da vida selvagem: ali pelo seu

direito de Guerra, em que sempre vi vem, se á assasinalo, e for vencido, e muitas vezes pode ser pasto de inimigos entopefagos: ali he quasi sempre captivo de seus donos: aqui melhora seu dono la de condiçao; e quem o compra destructa-lhe o servico; e se para isso em troga hum capital; este não lhe he improductivo. Embora se diga, que o capital, e apregajo na escravatura, dari muito maior lucro, se fosse empregado em esclarir braços livres; por que em verdade não há, nem pode haver essa acquisition de braços livres para o fábric: do assinar no Brazil; e em tal caso melhor he algum lucro, do que nenhum: e nem se diga, que todos perdemos com a compra d'escravos; por que se assim fosse, ninguem os quereria. Logo a escravatura he util no Brazil.

Mas crescendo o numero d'escravos (replicã os devotos Benthistas) pod m algum dia sublevar-se, e causar-nos a todos males horriveis: mas a isto respondendo, que tal consideração não entra, nem deve entrar no calculo da Arithmetica Moral; porque que force pode ter huma dor conjectural, huma dor possivel, ou contingente à parte huma prazer efectivo, e presente? O levante dos escravos ou aparecerá, ou não, e bem se pode acutelar com humas leis repressivas; mas o assucar, que me el s' fábric: he hum prazer real, primitivo, e actual, e consequentemente o conservar a escravatura he do bera entendido interesse do Brazil.

Creia, meu Amigo, o que lh'en digo. Vm. está na Cidade, e não vê as cauzas? Dixe se de velhas theorias do Claustro, ou do tempo do Rei velho. Liberdade moral, direitos do homem, leis naturaes, virtude, e vicio são sonhos, são quimeras, são inventos de fanaticos: o que há de unicamente real he o interesse de cada hum, he a Arithmetica Moral, que faz, que o esperto embase ao tollo. Hum filho não deve amar a seu pai, se não por calculo: em o pai não lhe pos-

dendo ser mais útil, ou causando-lhe encommodo, sórta com elle: acabou-se o amor. Quando huma mãe perde as noites, e toda se esquece de si para pensar, e aminar o filhinho, não faz tudo isto, se não por cálculo. O assassino, que crava o punhal no seio do seu semelhante, rigorosamente não he criminoso; pois onde não há lei do dever não se pode dar remorso; o que elle he, he mau calculista, e nada mais. A intenção em qual quer acto moral he causa, de que se não deve fazer caso, he sifra à esquerda dos numeros; por que por melhor, que seja a minha intenção, eu serei desgraçado na razão somente do erro do meu cálculo: finalmente, olhe para o nosso mundo, como elle realmente está doutrinado pela luminosa tocha de Epicuro, que ao depois foi tão destramente espírituada por Hobbes, por Diderot, e J. Bentham, e ainda mais este ultimo, que he o Manual Político, e Moral do grande tom entre nós. Deos, se he, que o há, não fez o homem, se não huma máquina de cálculos, e quiz, que nestes consistisse toda a moralidade das nossas acções. Quando eu salvo ao meu semelhante, que luta com as endas; quando de o ver neste perigo, e arremegar-me ao rio, ou mar para o livrar não ponho em meio hum instante, esta minha ação he primeiramente elaborada per hum cálculo de consequencias, que podem ir de mim até o Preste João das Indias. Quando o selvagem me dá de comer, e de beber em hum bosque, por onde me descarrei, não o faz, se não em virtude de hum cálculo, isto he; nasta-me a fome, e a sede na consideração, de que algum dia virá de passeio até a Cidade do Recife, e quererá, que lh'eu pague na mesma moeda. Este

mundo, meu Amigo, he huma grande meza de Voltaréte, em cujo jogo só ganhão os mais destros. Os melhores calulistas são senhores de tudo: e como os Africanos os são muito menos, que nós, fazemo-los escravos. E quer maior prova da nossa habilidade, do nosso adiantamento, do que sabermos converter em escravos as pipas d'água salvada d'Angola? Assim continuamos a ter quem nos sirva sem fazermos contrabando, e sem violarmos a lei, valendo-nos somente da perícia da nossa Chimica.

Nada mais disse o socorro do meu Amigo, e eu de queixo caído fiquei sem lhe saber responder.

Snr. Redactor.

Vm. seguramente não vai á nossa Igreja Cathedral de Olinda; por que se fôra alguma vez, não deixaria de talhar carapuças para alguns Snrs. Conegos, que se appresentão no Côro, e até no Altar calçados de botas. Ora isto parece-me muita semi-ceremonia com as cousas Sagradas. Até já vi ali hum Sacrista de tamancos, cantando na musica. Que exemplo nos dão a nós, outros leigos Snrs. Sôs. Prebendadas? Apisto eu, que esses Snrs. Conegos não irião, de botas á casa do Exm. Presidente da Província. A caza de Deos sim, pode-se ir à fresca. Nada, Sr. Redactor, carapuças nesses Snrs., a ver, se se corrigem. Hum Padre de batina, e de botas, já não he decente, quanto mais na Igreja, e no Altar! Sou Snr. Redactor, seu constante leitor.

O Sacristão jubilado.